

“EU TINHA QUE ME CONVENCER ENQUANTO ESTAVA ESCRREVENDO”

Aline Veingartner com Iara Mola¹

Presente nos mais diversos meios de comunicação, o redator de textos técnicos desenvolve uma atividade de trabalho sobre a qual pouco se sabe. Categorizado na Família dos Profissionais da Escrita, segundo os critérios adotados pela Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) – documento normalizador do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) –, trata-se de um profissional que guarda pouco parentesco com as demais ocupações desse agrupamento, cujas ações estão relacionadas ora ao fazer literário, ora ao fazer do redator publicitário e, até mesmo, ao do jornalista.

Há mais de dez anos atuando como “redatora de textos técnicos” – designação esta que tomamos como uma grande rubrica, sob a qual se reuniriam todos aqueles redatores que, conforme a CBO, nem pertencem à Família dos Profissionais da Publicidade nem à Família dos Profissionais do Jornalismo – e movida pelo propósito de empreender um estudo no qual fosse possível não apenas depreender o que configura a atividade de trabalho desse redator para além dos seus prescritos e normas, mas, ainda, conferir-lhe um pouco mais de visibilidade, desenvolvi pesquisa de mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Sob a perspectiva ergológica e visando a confrontar o protocolo a um exercício sempre singular – exercício este no qual a experiência da protagonista da atividade pudesse ser contemplada por meio das suas próprias palavras –, elegi o método da autoconfrontação simples para a viabilização de um

¹ Testemunho de Aline Veingartner conduzido por Iara Mola no dia 25 de outubro de 2015 em São Paulo, Brasil.

conhecimento conjunto, pesquisadora-atora social. Tendo em vista a aplicação do método ao estudo de uma atividade de trabalho essencialmente intelectual, a câmera filmadora foi substituída pela instalação de um *software* no computador utilizado pela atora social durante sua produção textual, de modo a capturar todas as teclas digitadas pela redatora de textos técnicos em situação de trabalho, bem como as telas acessadas durante consulta a sites nos quais buscou informações pertinentes a dois temas a serem desenvolvidos os quais serão especificados abaixo.

De posse dos relatórios gerados pelo *software* – encaminhados pela própria protagonista –, demos continuidade ao método da autoconfrontação a partir dos recortes pertinentes segundo os preceitos teóricos mobilizados: *prescrições/normas, saber instituído, saber investido, renormalização, uso(s) de si, dramáticas do uso de si e debate de normas e valores*. Nesses relatórios, pudemos depreender os registros efetuados pela atora social durante o processo de escrita de cada uma das duas redações, isto é, as intervenções relativas aos trechos que iam constituindo grandes parágrafos, as reelaborações desses trechos (realizadas ou não imediatamente), e as substituições de uma palavra por outra, bem como algumas buscas em dicionário de sinônimos. Em seguida, passamos à etapa da autoconfrontação propriamente dita com Aline Veingartner, redatora de textos técnicos formada em Letras, com habilitação em português e espanhol, pela Universidade de São Paulo (USP), que ocorreu em sua própria residência. Para tanto, além dos recortes dos relatórios gerados pelo *software*, levei comparativo que efetuara a fim de identificar as alterações existentes entre a composição original de cada redação e a sua versão final.

Cumpramos esclarecer ainda que, quanto às duas redações produzidas pela protagonista, o tema da primeira dizia respeito à redução da maioridade penal, e, o da segunda, à descriminalização das drogas, os quais foram solicitados, respectivamente, por professoras do ensino médio de uma escola pública localizada no interior do Estado de São Paulo. Na condição de enunciadora anônima de outros locutores, cumpria à redatora a tarefa de assumir a voz e o posicionamento de cada uma das suas contratantes como se estas

fossem as reais produtoras desses artigos, atendendo aos prescritos que lhe tinham sido passados.

Pela entrevista, foi possível depreender o debate de normas e de valores e as dramáticas dos usos de si, que possibilitaram dar visibilidade à atividade de trabalho do redator de textos técnicos.

Iara Mola (IM): Aline, inicialmente você foi procurada por uma cliente que a contratou para a produção de um artigo cujo tema versava sobre a redução da maioria penal. Tal contratante é uma professora que leciona para turmas do ensino médio – turmas essas às quais essa redação se destinaria como tendo sido elaborada pela própria contratante. E, entre os prescritos que lhe foram passados, a professora solicitou que você abordasse a redução da maioria penal no Brasil sob a perspectiva de quem defende essa proposta, buscando, para tanto, “figuras de autoridade” no assunto. Tendo em vista que a maioria dos seus alunos seria contrária à redução da maioria, a professora considerou a necessidade de que eles conhecessem melhor os argumentos daqueles favoráveis à causa, e eu gostaria de saber como foi para você redigir sobre esse tema tão polêmico a partir de um posicionamento preestabelecido.

Aline Veingartner (AV): Foi muito difícil. Por mais que eu saiba quais são os argumentos a favor da redução, acho que eu não tinha um suporte; eu não tinha conteúdo para escrever uma redação inteira só da minha cabeça. E acho que não tinha argumentos de autoridade – porque, para mim, esses não são argumentos e nem são válidos. Então, eu precisava achar coisas mais fortes, como leis, como pessoas com alguma autoridade – ou, ainda, com alguma autoridade do seu lado ideológico – para me apoiar. Sozinha, eu não conseguiria escrever. Antes de escrever, eu até perguntei para o Diego² o que é que eu poderia procurar. Ele me disse: “Vai ver Reinaldo Azevedo, Coronel Telhada...” – e falou vários nomes, citando também o Rodrigo Constantino³. São pessoas, sinceramente, eu não leio. Eu sei quem

² Diego é namorado de Aline e estuda Ciências Sociais na mesma universidade onde ela se formou – Universidade de São Paulo (USP).

³ No geral, podemos nos dizer que, no Brasil, essas são personalidades bastante conhecidas do grande público, não apenas pela sua projeção na mídia, mas pela própria natureza polêmica das suas opiniões. Entre outras atuações, Reinaldo Azevedo

são, sei o que dizem, porque todo mundo está reproduzindo o discurso deles. Mas eu mesma não tinha lido. Tinha lido uma coisa ou outra do Reinaldo Azevedo, e só. Então, quando comecei a pesquisa, eu fui procurar os argumentos diretamente deles. E também havia um texto do qual me lembrei...

Quando eu estava trabalhando no cursinho, precisava assistir às aulas de redação para que a minha correção não fosse diferente daquela que o professor estava tratando em sala. E uma das aulas foi sobre a redução da maioria penal. Embora o professor fosse contra a redução, ele também tinha que dar os argumentos favoráveis a ela. E aí tinha um texto que era do Alberto Fraga⁴. O professor usou esse texto como base para argumentar a favor da redução. Então, eu reli esse texto e também usei como base para escrever o artigo.

Conforme eu fui escrevendo, conseguindo os argumentos, mesmo sem acreditar em nada do que eu estava escrevendo, eu olhei no fim das contas e pensei: “É, eu acho que, para a proposta, que é apresentar o outro lado para os alunos, serve”. E serve porque tem um embasamento, tem a lei, tem esses autores. Depois que terminei de ler, nem eu acreditava no texto! Mas... aí está. Vamos ser democráticos e mostrar os dois lados. Está certo: numa escola, no cursinho, na faculdade... tem que mostrar os dois lados.

IM: Em relação às prescrições que lhe foram passadas, essa questão das “figuras de autoridade” chamou minha atenção, justamente por você ter escolhido personalidades cuja aceitação não é “unânime”. Três deles são contratados da Revista Veja e dois deles foram coronéis. Por que a escolha dessas figuras?

AV: Eu vou ter que falar um pouco de mim para poder explicar isso. Eu era uma pessoa completamente alienada até pouco tempo atrás. Aliás, quando eu entrei na faculdade, eu não fazia ideia do que estava acontecendo... As coisas começaram a acontecer comigo já na faculdade; acho que principalmente depois das manifestações de 2013... Depois eu comecei a namorar o Diego e a ter conversas com

e Rodrigo Constantino são colunistas da Revista Veja, identificada como uma “revista de direita”. Já Coronel Telhada é deputado estadual e integra uma frente política conservadora, conhecida como “Bancada da Bala”.

⁴ Coronel, deputado federal e presidente da frente política conhecida como “Bancada da Bala”.

ele, e a ter acesso aos textos que ele lê e às informações que ele tem... Ele estuda Ciências Sociais na USP... Então, tudo isso mudou muito, muito a minha vida, porque eu era... era outra pessoa! O meu interesse por esses assuntos é recente, é bem recente. E ainda não é totalmente trabalhado, refinado; ainda preciso de ajuda para articular coisas nesse sentido. Então, quando eu recebi as instruções desse artigo, já tinha bem clara a minha posição, quais eram os meus argumentos e tudo... E eu tive que perguntar para o Diego: “Me fala quem são as pessoas de autoridade que defendem a redução. Mas que sejam nomes levados a sério por quem acredita nisso, porque eu realmente não sei!”. Perguntei a ele: “O Reinaldo Azevedo é uma autoridade?”. Ele falou: “É! Para a direita, ele é!”. Então, falei: “Está bem. Então, é isso que vou buscar.”. E, quanto aos coronéis porque, considere que, para quem defende que “bandido bom é bandido morto”, os coronéis são autoridade. Para as pessoas que estão pedindo a volta da ditadura, os coronéis são autoridade... Para mim, não sei exatamente que espécie de autoridade é essa, mas eles são... São argumentos que essas pessoas a favor da redução da maioria estão levando em consideração. Para mim, Reinaldo Azevedo não está no mesmo patamar que uma autoridade que eu defendo, como o Safatle⁵... Mas, para quem acredita nele, ele é. Então, fui atrás deles...

Outro motivo para eu ter escolhido essas figuras é porque não há informação, não há textos “mais elaborados” em outros veículos além da *Veja*. Não há grandes artigos ou matérias desenvolvidos com muitos argumentos defendendo a redução em outros veículos que não sejam da *Veja*. Existem, mas são menos trabalhados. Foi por isso que eu os escolhi... E eu até perguntei para o Diego: “Mas não tem outra revista, outro lugar, além da *Veja*, onde eu possa encontrar informações?...”. E ele: “Não! É a *Veja*.”. Insisti: “Não existem textos melhores?”. E ele: “Não; esse é o melhor que você vai encontrar de argumento para defender isso.”. Bom, eu confiei nele porque tenho certeza de que ele sabe mais do que eu nesse sentido.

⁵ Vladimir Safatle é professor da Faculdade de Filosofia da USP, autor do livro *A esquerda que não teme dizer seu nome*.

IM: E qual é, de fato, a sua opinião sobre a Veja?

AV: Olha, do que eu conheço... Eu não consigo ler, não consigo terminar de ler uma matéria. É extremamente tendenciosa sim, mas eu acho que toda revista é tendenciosa. Você lê a Carta Capital, ela é tendenciosa também. Mas eu acho que a Veja é tendenciosa de uma forma... De má-fé, muita má-fé. É isso que eu sinto.

IM: Quando você estava escrevendo e recorreu a essas autoridades, passou pela sua cabeça que um aluno mais atento, que saiba que essas autoridades são alvos de crítica e que são ridicularizadas por quem não concorda com elas, vai ter essa percepção de que o que você está dizendo no texto não deve ser levado a sério? Ou não?

AV: Não, não pensei nisso quando escrevi, não. Eu tenho essa consciência de que é de... de uma pessoa que conhece um pouco mais, mas não pensei num aluno pensando isso enquanto lê.

IM: Você inicia a redação se reportando ao artigo da Constituição Federal segundo o qual o menor de 18 anos é inimputável perante a lei porque não tem maturidade mental para responder pelos seus atos. Somente depois dessa introdução é que você passa a problematizar a questão, atendendo à prescrição que lhe foi passada pela professora. Numa análise, porém, é como se você fosse deixando “vestígios” dos seus próprios valores em conflito com o posicionamento que precisava defender. Esses “vestígios” teriam sido deixados de propósito, sinalizando alguma mensagem para um leitor “mais atento”?

AV: Não. Talvez um leitor mais desavisado leia e ache até que eu possa ser a favor da redução. Mas... eu acho que tem como encontrar vestígios da minha posição. Eu me esforcei para buscá-los. Mas... Depois de pronto, depois que eu já tinha mandado para a professora, lendo de novo, eu vi: “Não, aqui ficou... Deixei uma pista aqui...”.

IM: Embora você já tenha deixado claro que é contra a redução da maioria penal, no título da sua redação constava: “Redução da maioria penal: um anseio legítimo”, e você concluiu o artigo registrando que “esta é sim uma demanda legítima”. O “reforço” por meio desse “sim” foi uma intervenção consciente? Você sentiu a necessidade de, de algum modo, validar o posicionamento contrário ao seu?

AV: Foi. Porque eu tenho o argumento contrário; então, ele estava refutando o meu argumento, que é: não, nem sempre a vontade do povo é legítima! Porque, às vezes, o povo não sabe o que ele está querendo; ele não sabe quais serão as consequências, ele não pensou criticamente nisso! E, para mim, é um argumento que se sustenta. E eu tinha que me convencer de que não, de que o meu argumento “não se sustentava”.

IM: No início do nosso contato, quando lhe enviei um questionário para conhecer um pouco mais sobre a sua atuação, perguntei como seria (ou como era), na elaboração de um texto, defender um posicionamento do qual você discordasse. Na ocasião, você comentou que ainda não tinha passado por essa experiência. Como foi produzir algo do que você discordasse, agora que você já tem essa experiência?

AV: É difícil. É difícil, mas, ao mesmo tempo, é necessário. Por exemplo... Nessa proposta, eu não estava escrevendo um texto que iria para um site, não estava defendendo o posicionamento de uma empresa para a qual estou prestando serviço. Esse texto vai para uma escola, para a professora mostrar os dois lados para os alunos. Então, pensando na finalidade do texto, no destino dele, não foi tão difícil; acabou amenizando um pouco esse conflito interno de escrever sobre uma coisa a respeito da qual eu não sou favorável. Mas, talvez, se realmente tivesse que fazer isso por alguém que fosse publicar o texto num site, para muitos leitores terem acesso, isso seria terrível para mim!

IM: Impediria você de fazer esse trabalho, ou não?

AV: Eu acredito que sim, de seguir com ele. Talvez eu fizesse uma vez, duas... mas, depois, não... Tanto que tenho a experiência lá no cursinho. Eu não cheguei a sair por causa disso, mas, acho que se eu não tivesse saído pela mudança que eles fizeram, sairia por isso...

Eu podia trazer as redações para casa. E aí chegou um momento que eles falaram que o sistema tinha mudado e que eu tinha que corrigi-las lá. E, como eu ainda trabalhava na [nome da empresa], eu pensei: “Ah, não vou dar conta de trabalhar em dois lugares fora”. Por isso saí. Mas o fato é que o ambiente me incomodava muito. Lá estavam alunos que vão prestar a FGV [Fundação Getúlio Vargas], ou seja, aluno com muito dinheiro. Numa sala de 100 pessoas, eram 99

brancos e 1 negro. E os comentários dos alunos, o ambiente... Não sei; eu não me sentia bem lá. E eu ainda tinha que ver aula toda segunda-feira.

Uma vez, a coordenadora que me treinou falou que... Bem, ela dava plantão e, uma vez, ela estava conversando com um aluno que sempre fazia plantão com ela. Ela falou para ele que sempre tinha feito escola pública. No plantão seguinte, ele não quis mais fazer com ela. Ele foi fazer com outra plantonista. E essas coisas me incomodavam bastante.

Não sei... Eu tinha escolha, não é? Eu podia escolher sair de lá porque eu tinha opção. E com a redação talvez fosse a mesma coisa. Financeiramente falando, se eu não tivesse outra opção, outra fonte de renda, paciência... Vou ter que escrever essas coisas das quais eu discordo e tudo bem. Mas, tendo a opção, eu prefiro não.

IM: Mas chegou a gerar um mal-estar em você?

AV: Não, não me gerou um mal-estar... Me gerou uma surpresa por eu ter conseguido produzir isso. Fiquei surpresa. E, depois, uma preocupação de não querer vincular com o meu nome. Não fui eu que escrevi isso.

IM: Bem, pelo que entendi, a professora apresentaria o texto como tendo sido produzido por ela – o que é característico dessa atividade de redigir em nome de outras pessoas... Mas, se tivesse essa questão de apresentar você como autora desse texto, isso a incomodaria?

AV: Sim. Isso sim.

IM: Você também produziu outro texto para uma outra professora, que chegou até você por indicação da professora anterior. O texto tratava da descriminalização das drogas, e a prescrição consistia em desenvolver o tema a partir dos prós e contras da legalização. E em relação a esse texto: você se incomodaria de ser apresentada como a autora?

AV: Não, aí eu não teria problema com isso.

IM: Vamos falar, então, a respeito de o seu texto ser apresentado como de autoria de outras pessoas. Em relação a esse segundo, do qual

você gostou, você se incomoda pela outra professora apresentá-lo como uma produção dela?

AV: Não... Não, porque, como eu falei, eu sei que as ideias que estão aí não são minhas. Eu me apropriei delas, eu as organizei de uma determinada maneira, numa lógica interna que você está estudando aí, e escrevi. Agora, se eu estivesse fazendo um trabalho de mestrado, um trabalho de doutorado, que envolve pesquisa, que envolve descobertas minhas, como você está fazendo, aí obviamente eu ia querer que a minha autoria fosse reconhecida. Porque, por mais que você esteja se baseando em outros autores e trabalhando em cima de textos meus, tem claramente um trabalho seu, de raciocínio seu e de autoria sua nesse trabalho. Então, não faz sentido ele ser publicado em nome de outra pessoa. Aqui não... Aqui, são só informações que, se você fizer uma pesquisa rápida na internet, você encontra. Não são minhas. O meu trabalho foi de organizar, estruturar essas ideias, de uma forma que todas elas fiquem articuladas num texto.

IM: E você acha que o seu trabalho como produtora desse texto deveria ser reconhecido pelo modo como você articulou isso?

AV: Sim, isso sim. Mas não me incomodaria se ele não fosse vinculado ao meu nome, se fosse apresentado como dela. Não me incomodaria. Eu sei que eu fiz.

IM: Retomando as prescrições que lhe foram passadas para a elaboração do primeiro texto, sobre a redução da maioria penal, também verifiquei que, segundo a professora, duas páginas seriam o bastante para o desenvolvimento do artigo. Porém, assim que ela lhe passou essa demanda, você se antecipou quanto à dificuldade de contar com apenas duas páginas para escrever a respeito de um tema tão complexo... Qual seria a sua dificuldade em seguir essa prescrição à risca? E o que a motivou a se antecipar acerca dessa questão?

AV: Talvez uma dificuldade de síntese minha, mas acho que principalmente por causa do tema. No caso da redução, principalmente porque, por não ser um tema, por não ser uma prescrição que eu domine, que era defender esse ponto de vista, eu sabia que eu teria que me basear em outras pessoas, eu sabia que teria que procurar dados, e eu não conseguia imaginar como colocar tudo isso... Porque eu tinha que me convencer enquanto estava escrevendo. Com duas páginas, eu

não me convenceria. Se eu não me convencesse, não conseguiria convencer os outros. Então, eu acho que foi mais isso. Talvez, se você falasse: “Escreva um texto a favor da descriminalização das drogas”, eu conseguiria fazer em duas páginas, conseguiria seguir isso, porque eu facilmente me convenceria.

IM: Na redação que você entregou à professora, também podemos observar a inserção de duas ilustrações referentes ao tema – uma charge e um infográfico. Por que você usou ilustrações, sendo que isso não constava nas prescrições?

AV: Porque eu sei que eles, como alunos, talvez... Ter uma imagem chame mais a atenção... Acho que porque eu sabia quem era o público e talvez me coloquei no lugar desse público e me lembrei de mim na fase de vestibular. A ilustração é interessante porque geralmente cai em vestibular, cai no Enem... É interessante você ter uma leitura de charge, de imagem, de infográfico, esse tipo de coisa. E... Não sei; acho que para não ficar tão cansativo para ler... Para deixar mais interessante; não sei...

IM: E quanto aos negritos que você usou algumas vezes?

AV: Via de regra, é a palavra-chave do parágrafo, a expressão-chave do parágrafo. Mas aqui, por exemplo, nesse aqui... [Aline pega a redação impressa para apontar.] É... Eu começo falando da lei... Só que... A lei não é o tema da redação, então achei que na introdução seria importante eu grifar, eu dar um destaque tipográfico no que seria o tema da redação, porque eu não apresentei o tema da redação no primeiro parágrafo. E, nos outros, é mais para dar um destaque na ideia-chave do parágrafo. Não faço em todos os parágrafos. E, nesse aqui, especificamente, porque eu acho que o principal argumento que dá para desenvolver a favor da redução da maioria penal é esse da vontade do povo. Então, eu quis dar destaque para isso... O povo quer... Se a vontade social quer, se todos querem, por que não? Se a gente vive numa democracia, e a democracia é a vontade do povo, por que a gente não vai fazer a vontade do povo? Então, acho que foram as duas coisas... As imagens e os negritos são também como recursos para que não seja um texto corrido e estático, do tipo “é isso e pronto”. Talvez dê até o que pensar para quem está lendo: “Por que tem um negrito aqui?”.

IM: Por meio do *software* que instalamos no seu computador e que me permitiu analisar a maneira como você foi construindo o seu texto, observei que o primeiro parágrafo que você redigiu corresponde, na verdade, ao 8º parágrafo do artigo na sua versão final. Ou seja: embora a gente aprenda a vida toda a seguir as etapas de introdução desenvolvimento e conclusão para a elaboração de um texto, o seu primeiro parágrafo não corresponde à introdução. No seu segundo artigo, observei a mesma coisa. Trata-se de uma marca sua ou foi algo pontual em relação a esses textos, dados os temas polêmicos?

AV: Acho que é uma marca minha. Eu acho que, para qualquer coisa que eu escrevo, primeiro eu pego os dados. Vejo o que vou usar, o que não vou usar. Faço o desenvolvimento... Porque, às vezes, já aconteceu de eu fazer a introdução e, depois, quando eu percebo, o desenvolvimento não tem nada a ver com a introdução, porque a discussão cresceu tanto ou foi para um outro lado que eu não imaginava. Em trabalhos da faculdade, por exemplo, acontecia isso. Então... É regular até; eu sempre pegava uma página no Word e ia colocando tudo o que eu usaria como dado. Depois, eu ia vendo onde ficava melhor para seguir com cada um... Aí, sim, seguia uma linearidade na hora do resultado. Mas, para produzir, não..

IM: Por meio dos relatórios produzidos pelo *software*, também notei que, à medida que você vai construindo os parágrafos, também vai fazendo uma série de intervenções. Algumas vezes, quando você está num parágrafo bem mais adiante, retoma os anteriores para alguma reformulação. Você tem consciência de como se dá esse processo?

AV: Bom, eu tenho a informação... Aquela série de informações que eu fui coletando... Mas eu não sei, conscientemente, que processo que eu usei para escolher que informação que ia, qual informação que não ia e... De repente, o que eu acrescentei bem depois foi um *insight* que eu tive e achei interessante, mas talvez não desse ensejo para um novo parágrafo e cabia bem naquele. Mas não foi... Não foi de caso pensado, acho.

IM: Algumas coisas você reformula só depois, mas outras coisas são muito imediatas. Isso seria consciente da sua parte? Você se detém a essas reformulações e antecipações, como, por exemplo, parar e

consultar o dicionário em busca de um sinônimo para alguma palavra? Ou, talvez, você não se desse conta disso?

AV: Eu me dou conta. Agora, é difícil lembrar todas as razões. Muita coisa é para evitar a repetição; até por isso é que eu acesso o Dicionário de Sinônimos ou o Caldas Aulete – mas geralmente o de sinônimos, porque o Caldas tem o significado, não tem outras palavras. Mas, por exemplo, aí [Aline destaca um trecho da redação sobre a redução da maioria penal] porque eu acho que “assassino” tinha ficado muito forte, e talvez “criminoso que tenha cometido assassinato” é melhor... É a mesma coisa, mas, para mim, discursivamente, não...

IM: Para você, qual seria, por exemplo, o problema de haver repetições no seu texto? Você não acha adequado estilisticamente? Seria uma prescrição sua?

AV: Sim, porque eu prezo por um vocabulário amplo. Porque eu sempre tenho essa preocupação (inclusive quando estou revisando textos dos outros) de buscar sinônimos: “Olha, você já usou essa palavra três vezes nesse parágrafo; que tal usar um sinônimo?”. É uma preocupação minha.

IM: Comparando os relatórios de como você foi produzindo o texto originalmente e das alterações que ele sofreu para a sua versão final, verifiquei também que algumas das suas reformulações posteriores sugerem a sua preocupação em ser didática ou bastante clara. O que a motivou a fazer essas reformulações?

AV: Não deixar lacunas. O texto se autossustentar, para a pessoa não ter que parar e questionar: “Ah, mas o que é isso?”.

IM: Mas você acredita que esta seja uma característica sua, ou você considerou o tipo de público ao qual esse texto se destinava?

AV: Eu acho que é uma característica minha também, de ler o parágrafo e perguntar... “Mas o que é essa convenção?”. [Aqui, Aline aponta um trecho do segundo artigo, referente à descriminalização das drogas.] Ah, então deixa eu já esclarecer o que é essa convenção, porque, se a pessoa não souber, vai ficar essa dúvida... Sabe? “Ah, o que é esse ‘Quebrando o Tabu?’”. Ah, é um documentário... Então... É brasileiro, é... Enfim... Eu me antecipo até ao que eu mesma

perguntaria se eu estivesse lendo aquele texto, eu me coloco como a leitora... É que isso não é um fragmento, isso não é uma notícia, como as notícias que saem, que têm cinco parágrafos que já estão em andamento e que, para entender, você tem que ler a notícia anterior, e a anterior, até chegar à origem para saber que que aconteceu. Não: era uma coisa mais elaborada. E faço isso para evitar que a pessoa tenha que interromper a leitura para ir descobrir o que é aquilo.

IM: E essas notícias, em que uma já é o andamento da outra, incomodam você? Causam algum “desconforto”?

AV: Ah, causam... Principalmente porque às vezes eu fico muito afastada de notícias... Eu fico às vezes dias, semanas sem ver uma notícia... E aí, de repente, eu quero dar uma olhada, me atualizar, entro em alguma coisa e pego o bonde andando. Isso acontece principalmente em jornais de grande circulação. Eles não fazem uma introdução do que aconteceu; já começam do meio! Aí, para eu saber o que houve, volto uma notícia, e volto, e volto, e volto até entender. Isso me incomoda porque são retalhos, retalhos.

IM: Ainda quanto às suas reformulações, a impressão que tive foi a de que você tem uma preocupação com estilo. O seu texto não é “difícil”, não há um excesso de rebuscamento, mas há um primor com a elaboração. Também é uma marca sua melhorar tudo o que pode ser substituído por algo um pouco mais sofisticado?

AV: Talvez não só sofisticado, mas adequado ao vocabulário, à proposta, a tudo... Ao contexto.

IM: Tem uma média de quanto tempo você leva para escrever cada artigo? Quando alguém lhe passa uma demanda, você já imagina quanto tempo vai levar para produzir um texto? Ou você nunca sabe de quanto tempo vai precisar?

AV: Às vezes eu faço uma estimativa, mas não funciona. Às vezes eu acho que vou levar mais tempo e levo menos, ou o contrário.

IM: Perfeito, Aline! Acredito que, com essa nossa conversa, eu já tenha reunido material mais que suficiente para dar continuidade à análise da minha pesquisa. Muito obrigada!

AV: Imagine; estou à disposição.